

Lutzenberger admite que pode extinguir o Ibama

O secretário nacional de Meio Ambiente, o naturalista José Lutzenberger, pode extinguir o Ibama a qualquer momento, conforme acenou em seu depoimento à CPI da Internacionalização da Amazônia. "Tenho pensado muitas vezes, ultimamente, se não seria melhor extingui-lo e transformá-lo em algo novo. Venho tentando reformulá-lo, mas não consigo", admitiu. E prometeu aos deputados que investigará denúncias de que o Ibama estaria intimidando, à mão armada, pequenos posseiros na Amazônia.

Descartou a possibilidade de uma invasão armada na Amazônia, como denunciavam os militares, ou mesmo um processo de internacionalização da Amazônia, tema da CPI e mote dos parlamentares. "Nem os Estados Unidos, ou qualquer outro país, se interessariam pela invasão, quando contam com satélites e entreguistas brasileiros trabalhando para eles a baixo custo". Em sua opinião internacionalização e desrespeito à soberania nacional, "seria o governo de Pernambuco ter fechado negócio e aceitado enterrar, no estado, duas toneladas e meia de lixo químico da Itália".

Lutzenberger também não concorda que haja muita terra para pouco índio: "Os chineses diriam o mesmo às pessoas, brancas ou não-índias, que vivem na Amazônia, mas elas não gostariam. Pois o índio também não, e têm a Constituição a respaldá-los". Lembrou que, na Holanda, há muito menos terra disponível para cada habitante, "mas por lá não existe miséria, enquanto aqui o que falta é vergonha". E que o Japão — "com toda a sua industrialização desenfreada e seu pequeno espaço territori-

IVALDO CAVALCANTI



Lutzenberger disse que há entreguistas servindo aos EUA

al" — seria, proporcionalmente, "o país mais florestado do mundo, com 75 por cento da superfície coberta de bosques".

Ele também é contra os missionários catequistas da Amazônia: "Os índios não precisam deles porque têm uma mitologia secular que sempre deu certo, enquanto que a nossa só nos tem trazido problemas". E cita Desmond Tutu, como se o índio brasileiro estivesse falando aos missionários que os querem salvar do pecado: "Quando vocês chegaram, tinham nas mãos a Bíblia e nós, em nossas mãos, a terra; agora, temos somente a Bíblia, e vocês ficaram com toda a terra".

Defendendo o presidente Collor todo o tempo, Lutzenberger disse que o Presidente "não é um ditador, e temos muita coisa em comum". Comparou o dia-a-dia de uma empresa privada ao de uma estatal, e se disse agoniado: "Na estatal, se alguma coisa quebra, cruza-se os braços; muitas vezes, eu e o Presidente damos uma ordem e depois, vemos que ela não foi cumprida sob alegações de toda ordem". Cobrou mais entusiasmo e mais empenho aos servidores públicos, inclusive os da Justiça: "Não é possível que fechemos hoje uma serraria irregular e, amanhã, um juiz a libere".